

JORGE NANDIN DE CARVALHO, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA APPC – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PROJETISTAS E CONSULTORES

# “É aberrante que prestações de serviços de projeto se façam pelo menor preço”

Os serviços de arquitetura e engenharia são equiparados a uma mercadoria, afirma o presidente da APPC – Associação Portuguesa de Projetistas e Consultores. Defende ainda a redução do IVA na construção de habitação não luxuosa.

VÍTOR NORINHA  
vnorinha@grupovidaeconomica.pt

**Vida Económica - Antes de entrarmos no tema dos arquitetos e engenheiros pergunto se Portugal arrisca a paragem de grandes obras públicas e obras privadas por falta de mão-de-obra?**

**Jorge Nandin de Carvalho** - Paragem não diria, mas graves atrasos parece-me que sim. O problema da falta de mão-de-obra é generalizado em Portugal e a praticamente todos os níveis da sociedade. Se em algumas áreas menos especializadas as falhas vão sendo colmatadas com a emigração, nas áreas mais especializadas acontece o contrário, os nossos talentos emigram. Com este processo estamos a perder qualidade e conhecimento e os grandes empreiteiros espanhóis vão suprimindo as nossas necessidades, especialmente nas grandes obras públicas. Como têm uma cultura contratual muito mais agressiva que a nossa, as obras arrastam-se, arrastam-se ... arrastam-se.

**VE - As associações do setor reclamam aumentos salariais superiores a 20%. Essa reivindicação faz sentido?**

**JNC** - Não sei se são 20%, mas é um facto que os salários líquidos em Portugal são extremamente baixos. Os economistas dizem que os salários não podem aumentar se não houver aumento de produtividade, mas parece-me que a inversa também é verdade. O Governo tem feito aumentos acima ou da mesma ordem de grandeza da inflação no salário mínimo, mas nos restantes níveis salariais não se sente essa tendência e assim vamo-nos todos igualando por baixo. Uma diminuição significativa dos impostos é quanto a mim urgente até porque a termo, essa redução é recuperada pela menor fuga aos impostos. Para manter salários líquidos razoáveis inventam-se, por vezes, esquemas salariais imaginativos, que à medida que o mercado for regularizando, por certo se reduzem.

**VE - A utilização de imigrantes nas obras de construção civil está a conseguir suprir as necessidades?**

**JNC** - Em parte, mas não totalmente. Na verdade, há várias profissões (manobreadores, armadores de ferro, eletricitas) que embora não exijam formação universitária, exigem tempo para uma formação mínima, especialmente em áreas de segurança. Temos de começar também a aliciar os jovens para a construção para áreas mais bem remuneradas já com alguma respon-



O problema da falta de mão-de-obra é generalizado em Portugal e a praticamente todos os níveis da sociedade, afirma Jorge Nandin de Carvalho.

sabilidade. A juventude tem agora uma certa tendência para a informática, para estar fechada num gabinete e por isso não abraçar desafios em obra, que obriga, às vezes, a incomodidades inerentes à distância e ao estado do tempo. Tudo isto se paga, as incomodidades, as intempéries, só ir a casa aos fins de semana...

**VE - Entretanto o custo das obras públicas e privadas sofreu aumentos substanciais nos últimos dois anos. Isso deve-se à subida do custo da mão-de-obra ou ao custo dos materiais ou subida dos juros?**

**JNC** - Sim sofreu, mas a razão principal prende-se mais com o custo dos materiais. Mas as taxas de juro e mão-de-obra também têm influência, naturalmente. Na verdade, a inflação desde que começou até agora já vai acumulada em 13%. Há quem sugira uma redução da taxa do IVA na construção, o que parece fazer algum sentido na construção de habitação corrente, não luxuosa.

**VE - A escassez de mão-de-obra reflete-se também nos trabalhadores muito qualificados como arquitetos e engenheiros civis? O problema continua a ser a competitividade salarial?**

**JNC** - Em qualquer das profissões, arquitetos ou engenheiros civis, a procura é imensa devido à fase de grande investimento nos próximos anos quer no PRR quer no PNI2030. É que justamente estes investimentos começam pela execução dos projetos. As empresas de projeto estão com muita intensidade de trabalho, mas em Portugal remunera-se muito mal este sector. Houve uma altura em que as empresas projetistas eram acarinhadas por sermos os responsáveis pela conceção, os pensadores e criadores da obra. Os códigos

de compra pública tornaram os processos de aquisição de serviços de arquitetura e engenharia como a compra de mais uma mercadoria, sujeita a concursos e às vezes até leilões com base no menor preço. É, aberrante que nas prestações de serviço de projeto - que custam 4 a 5% do valor da construção e vendo um pouco mais longe 2 a 3% de um investimento de construção (que inclui terreno, construção, comercialização) ou menos que 1% dos custos dos custos totais durante o ciclo de vida da construção - a decisão sobre a adjudicação do projeto seja feita exclusivamente pelo menor preço. Raras são as decisões tomadas com base na qualidade, na experiência acumulada da empresa, do seu historial curricular e dos seus técnicos, enfim do conhecimento acumulado. Devo dizer até que às vezes nestas decisões os privados são mais sensatos que o Estado, que “vive” obsessivamente para preço mais baixo. Esta política tem acarretado uma destruição de valor significativa que tem como consequência que os técnicos qualificados do sector tomem outras opções, designadamente sigam experiências no estrangeiro, e por cá optem por empreiteiros e até imobiliárias. Há vários anos que a APPC chama a atenção para este drama. O setor vai definhando e perdendo até a sua capacidade de exportação, que foi sempre tão bem vista. Se as empresas não conseguem ser bem valorizadas então também não podem pagar bem, diria até condignamente, aos seus colaboradores.

**VE - Tem havido opções de RH na emigração?**

**JNC** - Tem, mas talvez sejam pouco significativas. Há empresas de consultoria de projeto e fiscalização de obras que já recrutam técnicos brasileiros, venezuelanos, mas julgo que ainda não chegará a 3% da mão-

**“Avalie-se as propostas pontuando primeiro a qualidade, sem conhecer o preço e faça-se a ponderação no final”**

-de-obra total. Outras empresas têm desenvolvido empresas subsidiárias em países africanos (Tunísia, Angola, Moçambique e Argélia) com a intenção de subcontratarem para áreas específicas de projeto, tentando assim serem mais competitivas. Estas experiências são, no entanto, muito prolongadas e consome-se muita energia e dinheiro até surtirem efeito.

**VE - A solução passa por formação interna? E como é possível fazer formação sem reter talentos? Quais as soluções?**

**JNC** - A formação já temos pois são inúmeras as escolas boas de arquitetura e engenharia em Portugal. As empresas pelo seu lado procuram fornecer a formação de atualização que constantemente é necessária para garantir um conhecimento de ponta, por exemplo essencial atualmente na área de BIM. Para reter talentos, para mim não há outra hipótese: Valorize-se as empresas de consultoria, para poderem remunerar melhor os seus técnicos. Adjuque-se com base na qualidade e não no preço. Avalie-se as propostas pontuando primeiro a qualidade, sem conhecer o preço e faça-se a ponderação no final.

**VE - O tema da igualdade de género na formação está ultrapassado, mas continua a ser problemático a nível de chefias na consultadoria? Faz sentido o tema das quotas?**

**JNC** - É verdade que as mulheres ainda estão pouco representadas ao nível da administração das nossas empresas. Mas parece-me que muito rapidamente, daqui a três, cinco anos o panorama será, com naturalidade, completamente diferente. Basta ver que já nos cursos de arquitetura e engenharia as mulheres são maioritárias e se não ocuparem lugares de administração das empresas existentes serão elas próprias que constituirão as suas próprias empresas.

**VE - Como estão a evoluir os objetivos e promessas da direção da APPC para este triénio 22/24?**

**JNC** - Esta direção comprometeu-se a executar e aprovar um Plano Estratégico e fazer cumpri-lo. No primeiro ano aprovámos o Plano Estratégico e no corrente exercício estamos a começar a implementar. Já evoluímos na área comunicacional, que foi um dos problemas detetados. Vamos fazer o nosso primeiro congresso no dia 21 de novembro, estamos a estudar possíveis alterações na infra-estrutura e queremos chegar a mais empresas de arquitetura e de tecnologias da construção.